

ESTOU VIVO E ESCREVO SOL

através de António Ramos Rosa
com palavras corpos silêncios e sombras

truir redes

no caminho das palavras
e o que existe é a imaginação
estou vivo e escrevo sol
entre as silhuetas esguias
liberta-me

espraíam as folhagens giratórias

a fremente germinação

terrestre ou divino

e na pálpebra azul da eternidade

onde rir é escrever gritos

é universo em elementar efusão

a água

adormece-me
sede de sal

e as melodias

iluminando com o sangue

na iminência
no rumor ofuscante

são as murchas das flores

que são as palavras?

onde tudo permanece imóvel

como vagarosos limbos

em perfume ou uma brisa

e o vento e a luz são

de dorso firme

de dorso fendido



<http://www.telepoesis.net/estou-vivo-e-escrevo-sol>

v. 3

escrevo sol anunciando o espanto das palavras, cristalinas, absorvendo a verdura ardente e que cúpulas? limbos em suave eclipse não adormecem: suspiram e cintilam são espelhos lúcidos e as palavras são a cor e o espanto são as mulheres e os corpos a audácia dos crepúsculos frágeis e o que são os enigmas? entre o corpo e o espaço morto e o desejo dos puros espaços aparecem de punho submerso e pela delicadeza e o estremeamento beijam a chuva ausente. são as primaveras: embriagam-se como saliva onde se desagregam as aranhas enigmáticas através dos amantes e a vulva como misteriosos úteros de dorso fendido e as auroras iluminando a palavra. murmura-me: a sonâmbula plenitude dos amanhãs em turbilhão, de peito fendido e o que é uma pátria vocálica? grita-me: os enigmas incendeiam-se no ínfimo imaginado, não cessam. libertam-se e suspiram na espessura do tumulto. aqui emerge o silêncio visível, como a água efémera da tua asa juvenil no seu ausente mumúrio. e os cisnes adormecidos no teu mistério despertam no meu cálido sal na lucidez da temura como cúpulas melódicas. a tua frente ardente. são as mulheres as mulheres e o que é uma árvore giratória?

são o mapa dos rumores lícidos as escritas: sussurram no liame das palavras a deriva fugidia dos úteros oscilantes e que mar? voando pelas sombras calcinadas e pelos suaves desertos: infinito e primaveril tumulto onde os corpos adormecem, pelas conchas extintas. é o fértil clamor: nomear é saborear muralhas de corpo nu e o que é uma concha tumultuosa? que são as memórias?

lê: a noite não existe, as metáforas não emergem, a finíssima lentidão escrevendo o corpo e onde clamam as cadências horizontais é altivo símbolo e de firmes aromas. a harmoniosa dilatação e que são as narrativas? nos brilhos vagos os aromas erguem-se sufocando prodigiosamente os pássaros. oh matéria íntima e nua das imagens. e a dança e a praia são desertos lânguidos incendiando o labirinto dos corais suspensos. nasce e sussurra: através dos nomes dos corpos em tumulto. como lívidos corpos. é o sombrio enigma profanando silenciosamente os amantes e oh como tudo é vago e infomulável, verbal ou fugidio, e o mel ardente é a espuma e é a fantasia, uma sombra uma argila antiqüíssima, os astros em silêncio sonhando a teia ausente do teu silêncio ofuscado e o silêncio é escrever é construir redes é turbilhão em latejante silêncio e ler é suspirar cadências onde tudo adensa. verde a lucidez dos mitos vocálicos, os seus labirintos absorvendo a noite vaga onde o corpo pulsa. desagregando a música com línguas abatidas. a tua temura nua uma sombra uma galáxia visível cálice firme mumurando. e a primavera incendiando a brisa frágil o aroma dos ódios férteis. são as musas como insólitos úteros ou um círculo ou uma sílaba na brisa do teu sopro. uma sombra é uma fantasia ardente são os cavalos são as mulheres as auroras os arbustos calcinados e as aranhas colorindo o abismo. enunciando lentamente as esferas, envolve-me tua cintilante solidão o abismo tumultuoso e áspero escrevendo: a primavera são as esferas não respiram como a erva finíssima da tua seiva perfumada. os rumores e o silêncio acendem obstinadamente os astros. o teu brilho é essa fluidez secreta através dos fragmentos. na linguagem límpida do meu sonâmbulo sufoco e os nomes e as metáforas são o bronze que sopra através das vozes. sopro de verdura ou de terra. dos tumultos insólitos: essa caligrafia solar: aqui o teu sexo irrompe furtivo ou fime como um deus mumurando: uma árvore imperceptível ou múltiplo. a inesgotável constelação derrubando surdamente as aranhas. é o feroz espanto da pedra e dos rumores. brilham no ouro imprevisito a transmutação da cal e os cânticos diagonais: sono e linguagem, som e deserto, cames melodiosas da tua pálpebra embriagada. são uma incendiada espessura e de suaves mumúrios. são o espanto e o mumúrio: comunicar é abraçar cadências de espelhos em turbilhão. é uma iluminada espessura: descalça-me. e o que são as narrativas?

e os monstros nos detritos invisíveis: aqui o teu pénis renasce como cintilante verso
onde brilham as magias cintilantes a água e os leves enigmas e a transmutação do
ar e o que são os silêncios?

o desejo dos puros espaços e dos astros incendiados: viver é imaginar navios nos eclipses dolorosos e o que é uma seara embriagada? a boca e a expansão do universo num turbilhão firme acendendo o amor: a brevidade das flores como água na pulsação do rumor: aqui o teu clamor brilha desagrega o silêncio nos úteros fugidios na argila leve das fragilidades, os rumores não persistem e na espessura vertical da folhagem não voam, são uma flor ou uma praia são o ouro vivo do teu amor onde renascem as aranhas frementes, é o clamor do sopro do teu amor a língua do verde e isso é o mel e é o amor dos gritos lúcidos colorindo as palavras: é o mistério e é a música iluminando o teu sal, e dormir é escrever memórias ou a brevidade das flores, o ritmo indecifrável da leveza do meu sopro e os corais libertando-se, tudo é sede de terra uma sombra uma sintaxe sombria leve ou dispersa, e na escrita dourada da liberdade, como ardentes úteros as magias cintilam: a tua plenitude acariciando o espanto, aqui o teu destino adensa, ser pedra viva, uma sombra uma cintilação lívida no espanto cintilante, no liame das palavras frágeis ou infinitas, pelas conchas vacilantes contomando a música das vogais: sémen em primaveril eco e ouro e destino, renascer é ler gritos: através dos poemas nascem as magias indelévels a respiração a cal a tua espessura, abandonando o mistério, fome de sangue e dos ímpetos dourados, é o crepúsculo em insólito eco onde nada se cria, grita-me através das metáforas onde o perfume jorra, envolve a terra e tudo está imóvel tudo é a fome de cal e o perfume ardente dos monstros ondulantes, teu sono esvoaçando pelas teias adormecidas tua língua o verde e não tenho lágrimas e permaneço oculto acariciando surdamente os asfaltos arcaicos e anónimos do teu extravagante pó, uma sombra ou uma caligrafia ávida: e os versos na memória dos mistérios onde tudo desliza submerso, e oh a fantasia densa da felicidade no seu cálido mel, os acenos como ávidos cavalos colorindo o espanto, brilham e transformam-se através das vozes através da tua harmonia e na fantasia adormecida dessa divindade contemplam e acariciam as palavras, anunciam a primavera: nostalgia de sol no perfume do teu amor secreto, tudo é deserto e adormece nas amendoeiras, ardem no mapa oscilante os mármores e as ficções: deslizam e ardem como cálidos monstros, essa circularidade ínfima como música ou as linguagens suspirando e a felicidade e a margem e o que são as vozes? são o ingénuo silêncio e o que é uma espessura indecifrável? interdito ou disperso, insólito enigma atravessando a delicadeza do horizonte mumurando a tua luz como lívidos navios, nos nomes fugidios murmuro espontaneamente as tuas pedras, através dos mumúrios faz-se a transmutação de sal e tudo suspira e tudo é disperso e é o poema e é o fogo, dormir é abraçar os brilhos indizíveis e o que é uma borboleta indizível?

as vozes irrompem onde a linguagem germina e o que é uma palavra vocálica? colorindo a argila ínfima. acariciando a aurora nítida. como a saliva antiquíssima da tua respiração cintilante onde o bronze brilha e onde incendeiam as ressonâncias invioláveis. bebendo as águas de tuas portas no som imprevisito. de pulmão renascido: é o frágil tremor na textura do labirinto onde o corpo acena as palavras, cristalinas, e a escrita dos silêncios claros e a flor nua da inocência e a volúvel respiração e o amor e a pedra e o pó são aqui o teu nome. tudo arde tudo está imóvel e cintilante na delicadeza nos muros incandescentes. é uma perfumada frescura legível ou um feroz círculo adormecendo no asfalto. sou uma fantasia ansiosa. essa fantasia magnética dos eclipses em sossego na respiração do enigma. e as folhagens dilatam-se como a nudez e é o espanto em suave murmúrio onde tudo lateja e me abraça: é a escrita nítida no clarão vibrante e o que é uma espuma giratória?

no poema dos nomes inesgotáveis ou magnéticos sonha a magia dos ecos cálidos incendiando a argila flutuante através das vozes. escrever é enterrar anêmonas, gesto frágil acendendo o poema onde a escrita sopra e a oscilante suavidade do meu corpo incandescente habita os verdes das folhas e da gênese dos milagres suspensos. no gesto dos labirintos não sussurram o ouro vivo nem as iluminadas consciências onde tudo desperta. branco, povoando o ouro dos eclipses, em silêncio e de suaves brilhos, nos desertos enigmáticos tudo flutua e em nossos corpos livres o nocturno fulgor do desejo é um som ou uma carícia e que são as visões? de nítidos cristais se povoa o ouro e as águas. aqui o espaço puro do teu umbigo de quartzo é círculo acariciando-me e incendiando com a tua embriaguez. é horizonte em extravagante labirinto é o poema e é a escrita como pálpebra cintilante das asas perfumadas e densas da claridade nua da tua cegueira. a primavera é de densos aromas e dos pulmões em sossego jorra a frescura do ar de uma pátria sem sombra. assim morro e ressuscito: e as abelhas através das sílabas fúmeamente comovem o abismo. uma sombra uma metáfora suspensa: absoluto amor é estar vivo e ser sol. abrindo a música no espanto dos mistérios dos tumultos fúmes e o que é uma metáfora inextinguível? e o que é uma voz indecifrável? e na tena espessa com a nudez das cabeças incandescentes é a tua infância verde que pedra, ouro, os mares e os rumores dispersos. uma dúvida ou uma língua: respiração de mel enquanto procuro palavras: água terra fogo vento e o que é uma concha embriagada? a tua espessura e a língua branca da brisa respira-me e o que são os signos? são palavras que flectem e com elas uma nova língua emerge e cálice tenso vai abrindo as sombras e iluminando com o seu sangue os crepúsculos. e na escrita imprevista da folhagem não estremece a nostalgia dos tumultos. não flutuam as âncoras fulminadas. mas tudo flutua em nossos corpos livres: o gesto dos simulacros suaves espraia-se e as folhagens giratórias são as mulheres e as mães. não respiram e o que é uma árvore tumultuosa? no seu vibrante pó uma sombra uma aurora ávida um sopro vibrante comovendo a sombra e o que é uma flor vertiginosa? e os milagres e o que é uma galáxia inextinguível?

e as carícias como a água ávida da tua pálpebra ensanguentada. como a luz silenciosa da tua ternura suave. como os espelhos em silêncio onde o ar adormece. onde tudo desliza. absolutos os labirintos. onde não emerge a radiosa invenção e o que são os abismos?

é o feroz murrúrio. murrura-me do teu útero. aqui o teu som grita. insólito ou fugidio. da tua vibração. como inquietos navios como chuva onde perpetuam as espumas fulminadas dos corais líquidos. voando pelas encruzilhadas extintas. escuta-me: de nítidos aromas essa música nua é silêncio. em imperceptível crepúsculo. sonha e alastra-se. é o clamor do sopro onde nada se cria. de suaves murrúrios. sopro de verdura ou de terra e o que são os abismos? são o nome em musical perfume e a música dos oásis líquidos e o deserto das auroras indecisas e é o sêmen em suave espanto e o que são as sílabas? adormecendo pelas vozes suspensas. na erva monótona da respiração: as horas não clamam é a água e é o mar saboreando o teu espanto. na flor ensanguentada da folhagem estou vivo e escrevo sol e no som do crepúsculo profano a erva lívida da metamorfose dos murrúrios cálidos. nos olhos, no lume do teu corpo despindo-se. firmes aromas são as mulheres. sinais na linguagem límpida do sonâmbulo sufoco da terra espessa. comovento prodigiosamente os sonhos nos silêncios fugidios. e o que é uma dança inviolável? e a metáfora nua da suavidade? são as mulheres: os gritos a tua distância a boca e a expansão do universo. acaricia-me: a água dos milagres secretos o sal firme iluminando a sílaba. incendiando a tua nudez. os desertos em silêncio. a tua delicadeza e a cúpula monótona da respiração. como a brisa finíssima da tua escrita suave. a insólita cegueira de leves poemas e o fervor e a cúpula. a tua cintilação no intenso limbo. a nudez: como tudo é vago e infomulável. emerge. o silêncio visível como saliva de peito lívido nos corpos inabordáveis não respira e as cores: um rio ou uma ave e é mar em cúmplice jogo. aqui? um brilho ou uma pedra. a respiração dos sons indizíveis. as árvores iluminam-se: cálice frágil fantasiando a paisagem das tuas ânsias. murrúrio firme escrevendo a paisagem de corpos oscilantes, mumurando a tua embriaguez. são as mulheres as musas e o mapa do mistério os extravagantes monstros: estou vivo e escrevo sol como luz silenciando a nudez do teu sexo. não sonho: estou vivo e escrevo sol. embriagam-me os outonos. não flutuam. acaricia-me onde tudo desliza impalpável. flutuar é suspirar redes e a tua fragilidade e o que é uma concha flutuante? folhagem silenciosa da lágrima cristalina do meu corpo. incandescente o sangue. onde tudo persiste nítido está o desejo dos puros espaços: uma árvore suspensa e que cúpulas? entre a miséria e a música habitada. respiração de espanto no silêncio das escritas. primavera dos peixes cálidos abraçando a linguagem sombria. é o vibrante mistério: como finíssimos versos. aqui o teu bronze alastra. a ardente constelação acaricia-me. é o espanto e é a nudez. os rios não ardem: essa brisa antiquíssima. no eco do infinito labirinto em ardente fervor. é essa penumbra tranquila como cristalino aceno. não me reconheço: estou cheio do silêncios. é a cor e é a dor sussurrante e pulsante do silêncio dos silêncios. através das palavras e

o que é uma espessura inviolável? como os silêncios das abelhas sufocando pelas galáxias adormecidas: pedra, fantasia, rumor cintilante e os gritos. e luz da aurora o punhal e os vagos brilhos das primaveras. brilham. e a linguagem e o acaso são as primaveras. gritam. dos muros leves saltam como erva. sou uma fantasia ansiosa bebendo as águas de tuas portas. embriaga-me incendiando prodigiosamente as seivas dos peitos ausentes. dos ausentes brilhos. dos peitos lívidos. tudo é uma perfumada ondulação de acenos em tumulto. à espera dos úteros de dorso tenso. imensos. ou súbitos. a voz dos delírios frágeis descalçando longamente os sons: nostalgia do ouro e da tua espessura. os enigmas não voam: através dos simulacros são o poema e o que é a penumbra e que mar?

sussurrar é libertar segredos e na terra verbal das brisas estar vivo e ser sol onde tudo submerge firme e o perfume dos enigmas adormecidos incendiando a brisa suave e o peixe e a metamorfose e escrever e construir redes como respiração de pedra como um crepúsculo ou uma esfera e os mares iluminam-se no silêncio do horizonte no círculo dos símbolos e onde o enigma arde o ritmo indecifrável da leveza do sopro é o sopro e é a argila e não ardem é são nome em latejante rumor e são enigma profanando a linguagem trémula do ar: dissipando-se como um meteoro como ingênuos poemas e o que é uma caverna flutuante?

nostalgia decal acendendo a atualidade é o amor é o poema onde clamam
as espumas enigmáticas e os espelhos de dor submerso são
uma imaginação ondulação onde se acendem as constelações fortuitas e
oníditos da tua suavidade desagregando o silêncio e os horizontes em
primaveril redemoinho uma sombra maabóbadalúcida onde tudo permanece
imóvel curvando o anunciando grito da libertação acendendo o teu verde e o
silêncio dos círculos leves onde latejam as aranhas cristalinas no nocturno fulgor do
desejo, essa lucidez? ínfima folhagem embriagada, nome em oscilante turbilhão
onde aluzacena entre o sono e a alegria inventada essa ondulação antiquíssima
embriaga-me, é o sêmen e é o destino e o que é uma luz tumultuosa?

como a cúpula melodiosa da tua escrita juvenil o que são os ecos? o espaço puro do teu umbigo de quartzo e os ecos. o semen e a música e o ar dissipando-se como um meteoro ou a boca e a expansão do universo no seu perfumado fogo. o teu brilho é luz: não grita e é enigma ruidoso escrevendo amor como cisnes como ritmo ou clamor anunciando o impalpável tremor ardente das noites fugidias: respiração. iluminadas harmonias na memória dos labirintos. a vibração dos segredos suspensos não murmura: mas as palavras flectem e uma nova língua emerge. os cavalos não deslumbram. incendiando pelas cintilações ameaçadas onde a saliva jorra. são as mulheres e são as tintas. através dos fragmentos e dos rumores ardem os desertos em tumulto. atravessam as sílabas e as mulheres e os desertos. oh matéria íntima e nua das imagens. perfume em indefinível enigma e árvore e ódio. como os silêncios das abelhas. tudo é vago e informulável: uma sombra uma metamorfose feroz. é o fulgor e é a brisa como a tua asa nua e a boca do universo. como tudo é vago e informulável. o teu fogo de feroz mámore. os teus suaves brilhos. os monstros insondáveis entre a miséria e a música. flutuando e acenando. nas searas verdes. na fantasia da folhagem. são as embriagadas primaveras. no ouro flutuante nos gritos lívidos são uma imaginada respiração através das tintas. contomando a música das vogais. árvore suspensa. aqui o teu clamor é a folhagem e é a seiva onde tudo adormece. firme? aqui o teu grito deslumbram. os poemas delicados: essa penumbra sombria e feroz dos peixes flutuantes. é o primaveril destino onde se descalçam as metamorfoses subterrâneas e onde tudo respira anónimo. são as mulheres os sinais as pedras vivas ou a brevidade das flores. os densos brilhos e os animais: estar vivo e ser sol agitando o corpo nos acenos em turbilhão. na lentidão do horizonte. nos pássaros indefiníveis. transmutação do mar como sombra antiquíssima: da tua temura mágica do teu aroma branco e da chuva brilhante que pelo acaso dos poemas cai: pátria sem sombra e o que é uma abóbada indecifrável? e o que é uma concha indecifrável?

na nostalgia do tumulto: uma ave uma nuvem onde pulsam as ânforas vocálicas, como tudo é infomulável e flutuante, escritas impossíveis adomecem, nomear fantasias como argila: não regressar do centro lúcido e claro do sémen, ser adversa audácia, o fulgor dos peixes em silêncio, o brilho dos simulacros, os mares secretos, o sopro dos murrúrios suaves, respira-me: saboreando a tua luz e deslizando pelas espumas extintas e pela voz densa da folhagem do teu corpo da tua perfumada formosura aqui o teu bronze renasce, aqui a dúvida caminha pelas galáxias impossíveis, firme ou divina fome, de luz e de abismo, das sílabas do ouro vivo dos rumores vagos, como líquido vivo incendiando as distâncias inquietas: e o que são as palavras? onde sonham as ressonâncias frementes? e que se ergue e pulsa nos gritos leves? sim: o firme ou nítido dos poemas interditos envolve-me, é a luz e é a penumbra das escritas não germinadas, espreita e sufoca o som ausente no teu lúcido quartzo, murrúrios adormecendo pelas cintilações suspensas, flutuando pelas águas extintas, descalçando-me, são as mulheres, são os desertos, descalça-me: como apaixonados corpos estremeçamos e renasçamos e o que são as lágrimas? nos meus pulmões suspensos deslizam as vozes verticais, é o sal e é o sonho, uma sombra uma seiva oblíqua como carne nos segredos dolorosos, respiração de mel: como a folhagem incandescente, a tua pulsação juvenil abrindo a pedra e as linguagens e o fértil sal e minha cabeça flutuante na tua pálpebra vocálica sonha e reaparece, sossega-me: o cântico dos tumultos suaves e o que existe é a imaginação, e o que emerge pelo silêncio visível são as mulheres e são os sinais e é o espanto em fraterno enigma, os rumores não gritam, e flutuar é sussurrar caligrafias no voo ardente dos nomes, sede de ar, lê: a noite não existe mas liberta-se e brilha como ruidoso peixe, não deslumbra, lê:

a noite não existe. no seu indefinível sal a fluidez do mármore e os labirintos submergem. de peito tenso: aqui o teu suor sussurra. ressuscitando o corpo como tinta. o bronze brotando como espuma invisível. lágrima transparente. construir é enterrar murmúrios na cal do infinito e as primaveras acendem-se iluminando o sangue os crepúsculos e o amor. aqui o teu brilho acende. são as mulheres as serpentes através das escritas. como seiva finíssima e cintilante dos leves rumores. escrevendo o abismo. superfície volúvel, a escrita: lucidez da respiração incessante onde tudo persiste. lícido. adormecendo. pelas distâncias adormecidas: acariciando o mistério no eco das folhagens. essa coerência ínfima esse fio áspero comove. e o abismo é uma sombra ou uma criança silenciosa. de punho submerso. e o poeta no seu extravagante sorriso murmúrio tenso agitando a paisagem. nos astros vivos. no seu intenso mel. estranhando o sangue e bebendo as águas da tua plenitude. aqui o teu ritmo flutua: misterioso ou legível, no rumor do sopro. aqui o teu bronze deslumbra: adormecendo-me o corpo giratório e: o que é uma voz inesgotável?

e os espelhos da tua brisa adormecendo pelas águas suspensas e o que é uma liberdade flutuante? o meu corpo incandescente é como chuva acariciando lentamente as pedras: renovando a luz densa da tua frescura no círculo dos labirintos, na argila leve da ausência, furtivo ou imperceptível: infinito ou imaginário, a espuma e a flecha da felicidade: o que são os murmúrios? onde o suor sopra não respiram essas abóbadas tranquilas, aqui o teu sorriso flutua na textura dos espelhos lúcidos, e na espuma ensanguentada da respiração, e nos oásis sombrios e subtis, e na imersão como insólito milagres: um estremecimento no silêncio da página do teu útero enigmático e não sussurram as linguagens, nem os ecos, nem o silêncio, é o espanto e é a carne nos silêncios dolorosos dos mitos, é o silêncio e o abismo das metáforas, no poema ondulante, comovendo obstinadamente os aromas e a subtil imersão do sal, do silêncio, do meu corpo e das auroras vibrantes, derrubando languidamente os nomes e a sombra e a infância antiquíssima e a inocência e a ciência, abraçando espontaneamente as areias e o que são as palavras?

na argila leve da tua ausência: iluminando com o sangue os crepúsculos.
soprar é escrever ilusões dos segredos ardentes. e aqui o teu gesto emerge. e
na paisagem vertical da brisa. e na asa branca da folhagem: estou vivo e
escrevo sol no tremor oscilante mas o que são os outonos?

como a carne silenciosa da tua cabeça translúcida o amor sopra e as mãos e a brisa dos poemas secretos é espuma e a primavera dos animais em tumulto sufocando silenciosamente as galáxias dos sopros musicais no eco nítido e onde se purificam as metamorfoses enigmáticas e vacila e sufoca e onde clamam as tintas indeléveis ou a delicadeza e o fogo e aqui a filosofia são os silêncios e as sombras ou uma língua giratória dos outonos ou do turbilhão e do aroma cintilante e o que existe é a imaginação a transmutação do mel a sombra duma saliva nítida o cristal varado incendiando e a sílaba esvoaçando pelas encruzilhadas inquietas onde tudo estremece anônimo através das palavras e os demónios espreitam não persistem a um estremezimento no silêncio e a página é o primaveril clamor e o que é uma verdura tumultuosa? e o que são os segredos do poema? os signos não estremezem e a sua argila lívida adomece e alastra-se na espessura ausente dos deuses murmurados: uma árvore e essa fadiga nua iluminando o impalpável iluminando a aurora íntima incendiando a pedra onde o perfume respira intenso giratório envolvendo a terra e as cegueiras nuas e que são as vozes? submergem as músicas inabitáveis: na textura do rumor nos corpos tensos dos espelhos em turbilhão nos teus ecos nos muros altivos e é a hora leve. adomece-me, o cílio e a paixão, são de firmes cristais adomecendo pelas cintilações impossíveis os punhos firmes onde nascem as artérias cintilantes e onde a noite ensurdece e tudo está imóvel é tudo é o feroz espanto porque não clamam e o que é uma folhagem flutuante? é o sol e é a temura uma sombra uma escharpa vaga onde latejam as certezas indeléveis onde o perfume acena e o grito dos silêncios dourados respira. de espanto é o abismo, e é o mar aqui, o teu suor sussura: a linguagem e a inocência de uma ideia espreitam e brilham, aqui o teu eco flutua através das escritas como a sombra melodiosa das seivas mágicas, aqui o teu ódio grita e a tua temura existe e é a imaginação, escrever uma serpente e adomecer: imaginada primavera como dança na folhagem, onde tudo brilha anônimo: respiração de luz sombras ondulantes punhal magnético labirinto detritos terrestres astros e poema: argilas pedras urtigas nostalgias da saliva, grita, e acena, através dos nomes e seu gélido sono, que envolve a terra? uma árvore suspensa, perfil de uma pátria sem sombra: é o mistério e é a sombra essa melodia subtil incendiando surdamente as seivas onde brilham as águas extravagantes silenciando a tua nudez e incendiando o abismo e as escritas, um deus incendiando pelas atmosferas inquietas e pelo som dos signos, como as águas oscilantes da tua fragilidade dourada, como os diagonais navios sufocando lentamente as estrelas, como os perfumados detritos e a sonâmbula imersão, como o líquido vivo e o sorriso e a tortura, são o desejo dos puros espaços a inesgotável liberdade plena e os cavalos, não persiste aqui o teu suor, flutua a música, e que são os sinais? uma nuvem ou uma concha, e na língua

ensanguentada da fantasia: absoluto ou disperso dorso firme agitando o enigma. acaricia-me. voando pelas searas ameaçadas é a cal e os gritos dos rumores em tumulto é o clamor do sopro da tua inocência é o espaço puro do teu umbigo de quartzo como argila é o ínfimo ou súbito liame das palavras. um punhal ou uma aranha. suspensos filamentos. embriagada consciência. através das sílabas: sussurrar é respirar gritos. estranhando a tua sombra. és o suave labirinto e a verdura. não sussurres o gesto vibrante nem a sílaba ou a seiva nem a abóbada. são cristais e erguem-se despertam eclipsam em fraterno rumor. no seu suave sal o verde jorra e a cabeça fugidia das escritas vocálicas é o inesgotável perfume. a perfumada frescura. e o que são as visões? e as luzes monótonas da fantasia? e a tua cegueira delicada? tumulto nítido ou ondulante. aroma túmido nos peitos embriagados acendendo os mistérios e o que são os poemas? no clarão enigmático são uma incendiada primavera. são os nomes em turbilhão. aqui o teu gesto sussura e o que é uma montanha embriagada?

como carne no centro lúcido e claro do sémen essa lucidez musical e as melodias da tua verdura no círculo das tintas. não tenho lágrimas e permaneço oculto. os planetas não escutam. comovendo lentamente as cavernas e na fantasia suspensa das divindades e na pedra verbal da claridade. a tua distância. a oblíqua paixão. aqui o teu eco flutua e o teu fogo escreve e acaricia as folhas e as línguas do verde. é isso: abrindo o símbolo no seu cintilante aceno. a simetria dos crepúsculos cálidos e rir é sussurrar ilusões e na noite vertical da suavidade o que existe é a imaginação e a transmutação de ouro e o que é uma seara indecifrável?

aqui o teu sal deslumbra é sémen ardente iluminando os enigmas é deserto em subtil perfume e essa brisa ausente sufocando pelas sombras calcinadas é chuva e acena e o que é uma primavera inextinguível? nada mais no silêncio das folhagens. esta fome de mar na lentidão do clamor e que mar? e que leves aromas onde tudo adensa? é o absoluto dos sopros delicados. a silenciosa desmesura e o que são as nuvens? a escrita arde e o murrúrio ruidoso abre o poema. essa cadência vã no seu lúcido sal não arde e o que é uma casa tumultuosa? é o clamor do sopro é uma adomecida vibração que emerge e é o silêncio visível e a lucidez dos milagres indizíveis. o murrúrio magnético abrindo os abismos. através das vozes. desperta-me: anunciando o ouro os acenos ardem acenando, embriagando e as metáforas onde o sangue é came efémera da tua respiração diagonal. vacila e alastra-se. e os corpos cálidos como lívidos espelhos como chuva dos oásis em turbilhão mumuram os labirintos. absorvendo a erva e o que são os rumores? os planetas não dilatam. uma sombra uma aurora ardente onde tudo persista vivo e que são os cristais? suspirando a luz da tua plenitude onde nada se cria no fio flutuante está um rio ou um fulgor: é o mar e é a came são as espumas dos eclipses dourados. reaparecem e sussurram. não escutam. no gesto das palavras ler é imaginar escritas. oh a matéria íntima e nua das imagens acendendo o espanto a cintilação diagonal a nostalgia. indefinível espanto. nos silêncios translúcidos e no ar dissipando-se como meteoros. sombras suspensas nos aromas líquidos. escrever é sussurar nuvens: a escuridão e a sombra e a tortura são brilhos musicais. como os silêncios das abelhas, as escritas. não mumuram mumurando a tua sombra. acaricia-me e o que é uma primavera inextinguível?

AS PALAVRAS, CRISTALINAS. SOPROS FRÁGEIS MURMURANDO O AMOR. ONDE NASCEM AS AURORAS MELANCÓLICAS E A TUA DELICADEZA E EU? PROCURO PALAVRAS: ÁGUA MÃOS ENIGMA E TORTURA. SÃO AS GALÁXIAS. NÃO DESLUMBRAM. DE DORSO AUSENTE ESTOU VIVO E ESCREVO SOL COMO A SALIVA MELODIOSA DA TUA CARNE PERFUMADA E AS BORBOLETAS SÃO A VOZ VERBAL DA TRANSMUTAÇÃO E A FOLHAGEM BEIJANDO A BRISA TENSE E QUE SÃO AS SEARAS?

e que leves enigmas são perfumada vibração? e que pedra é a escrita dos corpos incendiados? e que nítidos poemas são as evidências? submergem as mulheres. as aranhas escrevendo discretamente os sons dos labirintos. em tumulto. a ciência e o som e o que é uma nau vocálica? dos amanhãs imortais. afluindo pelas fantasias vacilantes nos cavalos fugidios: anónimo ou translúcido, agitando a linguagem sombria. desenhar é nomear silêncios do teu mistério onde o fogo respira. cintilando? pelas águas impossíveis adormecendo o espanto. e o que são os abismos? e que vagos rumores como delicados planetas e o que é uma floresta giratória? é sal fime comovendo os abismos. não arde os versos é eco suspira e sufoca e é o amor e as pratas incendiando a paisagem frágil. a tua fragilidade de punho oscilante e a floresta e o fervor e os lânguidos ossos e o que são os enigmas? são uma imaginada respiração e o mel e o espanto entre o corpo e o espaço: o suor soprando à espera dos úteros. flutuando pelas fantasias adormecidas onde tudo irrompe, cristalino no mistério das metáforas. é o mistério. e é a luz através das sílabas. a água adomece descalçando discretamente as suas lágrimas e flutua e sussurra com a inesgotável liberdade plena. emerge o silêncio visível. aqui tudo sussurra: branco. uma sombra uma língua feroz uma pálpebra incandescente da tua formosura cristalina. não tenho lágrimas e permaneço oculto e a fadiga e a paixão são o teu verde bebendo as águas de teus outonos. lícido e imenso: abolindo o corpo adormecendo os corpos enunciando discretamente as mãos e a boca. a expansão do universo na textura do amor e da floresta. nos símbolos ardentes. não sonham os úteros. fértil mumúrio dos segredos em silêncio. não tenho silêncios e permaneço embriagado como a nudez de punho oscilante e o ar dissipando-se como oh como matéria íntima e nua das imagens e o que é uma borboleta indizível? é a invenção dos silêncios musicais. e apaga-se e arde e é a enigmática germinação dos silêncios em turbilhão. imprevistos verdes entre o sono e a alegria inventada: nada mais acendendo o teu sal nada mais agitando os corpos e o que são as mulheres?

escrever é enterar astros e os gritos são a monótona germinação são as mulheres
são os versos porque aqui o teu sopro reaparece e emerge é o silêncio visível no
som das folhagens onde o fogo brilha no perfume do rumor no eloquente limbo
das palavras, cristalinas, os enigmas. acenam e o que é uma infância inviolável? da
tua cegueira estremece e liberta-se e o que é uma esfera vertiginosa?

são as mulheres as sílabas com a sua inesgotável liberdade plena acariciando prodigiosamente as flores e os peixes e a primavera são o cisne altivo acendendo o abismo e o poema: são argilas e pedras e urtigas são a vulva e a vibração e a claridade são peito ensanguentado abraçando silenciosamente as esferas contomando a música das vogais são turbilhão em magnético sono abolindo o mar e o ritmo indecifrável da leveza dos sopros como finíssimos ossos. acaricia-me no fio ardente da escuridão. voando pelas paisagens extintas é essa espuma giratória o clamor do sopro e na paisagem imprevista da fantasia e na noite monótona da suavidade ilumino com o sangue os crepúsculos dos poemas vocálicos dos ecos musicais. de pulmão submerso absorvendo a saliva tensa da sombra eis uma dança translúcida nos aromas delicados onde adomecem as constelações cristalinas da tua fragilidade da tua inocência. fulgor e música como altivos cavalos entre o tumulto leves a sede de ouro o vazio e o perfume dos tumultos nítidos. a suavidade dos poemas suaves murmurando o teu mámore e do teu mámore acariciando o impalpável. apaga-se e acena. a ilusão dos ecos ingênuos. é a hora: leve serpente e escrita impalpável. os enigmas não germinam e tudo cintila. ausente o brilho as vozes os corpos e o espaço. silhuetas esguias libertando as sílabas murmurando surdamente as pupilas como os silêncios e o que são as lágrimas? linguagem nua no gesto dos signos. murmúrios não flutuam. misteriosos como a erva germinam e cintilam: lá onde tudo renasce. ilusórios pássaros. e respira-me pois é o sêmen e é o sonho e as escritas a dúvida a luz. e o que existe é a escrita subtil do murmúrio. as sílabas. aqui o teu corpo vacila e o que são os outonos? o mistério está aqui. o teu ritmo alastra e o que são as mãos?

profanando lentamente as pupilas: o abismo das cores. aqui o teu enigma flutua e assim morro e ressuscito. as escritas não murmuram não flutuam essa lucidez vã são as constelações? e a fome e o infinito são as primaveras. não escutam. entre o sono e a alegria inventada não escutam a ardente cegueira dos segredos magnéticos. não sufocam não ardem e ardem caminhando pelas fantasias enterradas. gritar é acariciar folhagens como argila diagonal ou verbal um dorso ou uma palavra como a música antiquíssima da tua fragilidade dourada o eco dos rumores magnéticos a fome de terra incendiando a língua a raiz e o que é uma sintaxe embriagada? iluminando a carne do efêmero terrestre ou do enigmático. teia ou brisa. pedra viva brilhando nas mulheres nos hábitos na espessura do silêncio. como extravagantes pássaros. no som dos murmúrios. Serpentes. não gritam. tudo cessa secreto. suspira e cintila caminhando pelas paisagens extintas. dança na folhagem. é o subtil fulgor é o amor e é a seiva dos sons em silêncio no silêncio dos silêncios. a escrita dos silêncios claros. o deserto. as auroras indecisas e a escrita imprevista da fantasia. o rumor das vogais através dos símbolos. e o que é uma luz embriagada? uma concha ou uma voz: renascer é enterrar distâncias e o que é uma casa vertiginosa?.

o fogo absorvendo a teia imaginada. a vibração: essa cúpula secreta. silêncio em lânguido perfume. mel fendido. fantasiando a primavera no espanto dos mummúrios. grita-me: sopro de verdura ou de terra. é o firme tremor imenso ou flexível. é o verde e é a água onde brilham as primaveras obstinadas. como chuva nos poemas. no seu ingênuo sono onde tudo germina no seu perfumado sorriso ressuscitando lentamente os rios no espanto do tumulto sufocando silenciosamente as estrelas na magia dos desertos nítidos na palavra nos sopros adomecidos e na praia e no fim e na vibração do espanto agitando silenciosamente as mãos iluminando o poema e na voz nua da transmutação. são uma ensanguentada frescura as metáforas. e na metáfora suspensa da transmutação inesgotável o ilusório peixe lânguido agita a escuridão e é espanto em secreto tremor: não adomecem os corpos. não acenam e que mar? e o que é uma abóbada giratória? e os poemas não sonham e é a cegueira e é a seiva o clamor em visível crepúsculo. no voo ondulante: bebendo as águas as cabeças melodiosas da tua respiração cristalina e estou vivo e

ESTOU VIVO E ESCREVO SOL

através de António Ramos Rosa
com palavras corpos silêncios e sombras

poemas combinatórios
Rui Torres

programados entre Lisboa, Porto, Barcelona e Bremen

<http://www.telepoesis.net/estou-vivo-e-escrevo-sol>

2016

através de textos e léxico de
António Ramos Rosa

poemario.js
Nuno Ferreira

VOZ
Nuno M Cardoso

SOM
Luís Aly

Húmus: 111 poemas, 2350 versos, 17500 palavras || **Índices de frequência:** PALAVRA(S) 106; CORPO(S) 89; SILÊNCIO(S) 77; SOMBRA(S) 77; ÁGUA(S) 61; PEDRA(S) 60; ESPAÇO(S) 52; TERRA(S) 51; ÁRVORE(S) 40; VENTO(S) 39; ESCREV- 38 || **Base:** 21 poemas (v.1), reduzidos posteriormente a 7 poemas.